

Simonsen descarta deságio sem garantia

O ex-ministro do Planejamento e da Fazenda, Mário Henrique Simonsen recusou-se a considerar seriamente a possibilidade de transformação, sem garantias extras, da metade da dívida externa brasileira em títulos de longo prazo, com deságio de 25%, na forma levada ao secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker, pelo ministro Bresser Pereira.

— Se fosse uma proposta, seria realmente ingênua. Prefiro acreditar que tenha sido um balão de ensaio — afirmou Simonsen ontem, argumentando que “não se pode ter a presunção de se conseguir um deságio, trocando um título por outro, ambos com a mesma garantia”.

Além dessa “tese estranha” — nas palavras dele — de se tentar a troca de uma dívida por outra de valor menor e sem garantias extras, o outro fato que o levou a considerar a proposta de Bresser Pereira como um “balão de ensaio” foi a rápida mudança de rumo do ministro diante da reação negativa do secretário do Tesouro dos EUA. Por causa dessa interpretação, Simonsen não considerou grave nem desgastante para o Brasil o recuo feito por Bresser Pereira: “Um recuo de um balão de ensaio não tem o mesmo peso, que um recuo em relação a uma proposta”.

O aval do Banco Mundial foi um exemplo de garantia extra citado por Simonsen para que a proposta tivesse mais consistência. Mesmo em relação aos bônus de saída (**exit bonds**), como idéia alternativa, ele disse que o instrumento é interessante, “desde que tenha garantias que outros papéis não têm”, como, por exemplo, prioridade para pagamento. “Não é um esquema fácil de fazer”, admitiu ele, reconhecendo que a Argentina, adotando essa idéia, só conseguiu que dois bancos subscrevessem os bônus. Ainda assim, ele acha indispensável que o governo dê garantias de que os bônus teriam prioridade para o pagamento cambial e, se possível, aval do Banco Mundial, para que os bancos credores tenham a confiança de estar substituindo uma dívida mais arriscada por outra com riscos menores.